

## A TEMPESTADE DE SIBELIUS

PUBLICIDADE

# CONCERTO

### **O itinerário de Catarina Domenici nos ajuda abandonar estereótipos, preconceitos e discriminações**

Existe um jeito único de compor? A resposta óbvia é negativa, claro, e assumir esta postura pluralista, aberta, na cena musical pós-moderna em que vivemos hoje pode parecer fácil. Mas não para alguém com a história de vida e formação de Catarina Domenici. Ela foi expulsa de casa pela mãe, em São Miguel Arcanjo, aos 16 anos, porque queria estudar música. Passou fome, costurava a própria roupa com retalhos doados, estudou com bolsa no Conservatório de Tatuí, aprendeu cedo a sobreviver em São Paulo, onde cursou a Unesp, e depois fez doutorado em Nova York. De volta ao país, decidiu morar Porto Alegre e lá se fixou a partir de 1993, como professora de piano na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integrou o Piap, grupo de percussão da Unesp, com John Boudler, e tem carreira consolidada como pianista. Mas levou os primeiros 50 anos da vida para convencer-se de que é mesmo compositora. Mais: que não existe um “jeito único de compor”.

Somente em 2015, sete anos atrás, e depois de uma profunda crise pessoal e profissional, ela se definiu como compositora. Já tinha atrás de si uma carreira vitoriosa como pianista. Mas isso não lhe bastava. Quatro anos depois, em 2020, eu a conheci como pianista e compositora. Ela acompanhava a soprano gaúcha Susie Georgiades, radicada na Itália, num recital de canções compostas por mulheres na série de concertos de música

contemporânea da CPFL. Entre peças para piano, Catarina reservou para a conclusão do recital sua então canção mais recente: *Marielle presente*. Um tributo à vereadora carioca barbaramente assassinada dois anos antes. Entre as peças para piano, *Amazônia* (em duas partes, “Terra pejada” e “Terra arrasada”) e *Para Beatriz*. E o ciclo de quatro canções que ela compôs em inglês na década de 1990, quando fez mestrado e doutorado nos Estados Unidos, *Letters to my Mother* (“Vínculo”, “Máscara”, “Ferida” e “Adeus”).

Agora, em 2022, lança álbum com as peças para piano, teve obras encomendadas e executadas em Londres recentemente e estreará no ano que vem *Abaporu*, encomenda da Orquestra Sinfônica de Santo André.

“Demorou muitos anos para eu entender que somos levados a crer que há apenas uma maneira de compor, que há apenas determinada estética ‘séria’ ou ‘válida’”, explicou-me numa intensa troca de e-mails durante vários dias no mês passado. Ela havia me enviado o áudio de seu recém-lançado álbum *Ciranda das mestras* (disponível nas plataformas de streaming), uma série de sete peças para piano solo interpretadas por ela mesma que giram em torno de mulheres decisivas em sua vida. Decisivas em vários sentidos. Está lá, por exemplo, Meredith Monk, uma das grandes compositoras contemporâneas da cena norte-americana, mas também Lili, a transsexual encarnada no cinema por Eddie Redmayne no filme *A garota dinamarquesa*, de 2015.

Essa catarse mudou sua vida: “Precisei de uma crise e de uma proposta inesperada para retomar a composição em 2015. A partir do convite do amigo percussionista Edson Giansesi, compus uma peça completa depois de muitos anos só anotando alguns *sketches*. E essa experiência me mostrou a saída para que eu finalmente integrasse todas as múltiplas vivências musicais que por anos haviam sido artificialmente separadas (eu havia internalizado essas fronteiras!), me levando a não mais me reconhecer em minha biografia ‘oficial’. Retomar a composição também foi crucial para a superação da crise pessoal, por poder expressar em sons o que as palavras ainda não eram

capazes e, assim, manter minha integridade psíquica. Ao longo desse processo, minha história, minha pesquisa acadêmica e minha trajetória artística convergiram de forma inesperada, e pude perceber quanto o fato de eu ser uma pessoa do gênero feminino estava no olho desse furacão. Nós, mulheres de classe média, somos desde cedo educadas para aceitar os contornos de um território socialmente demarcado (a famosa gaiola de ouro) sob pena de sermos socialmente excluídas e condenadas a vagar pelo deserto, como Lili, se desafiarmos essas fronteiras. Já os meninos são criados para explorar, para experimentar, para transgredir. No campo da música, homens que transgridem as fronteiras entre ‘popular’ e ‘erudito’ são saudados como gênios; já as mulheres são vistas como párias e invisibilizadas. Socialmente, o valor de uma mulher nunca lhe pertence, pois é sempre atribuído pelo olhar do outro; já os homens, têm valor intrínseco”.

Num contexto desses, conta pouco – ou nada – se ela faz música tonal, redonda aos ouvidos, ou tecnicamente experimental, “de vanguarda”. Importa muito mais o gesto de uma mulher capaz de se afirmar, “contar” sua história em suas criações. “Para me assumir como compositora, tive que romper com o estereótipo do gênero feminino, rejeitar a noção de que meu valor é atribuído pelo outro, abrir mão da necessidade de aprovação. Ter coragem para assumir que faço música porque gosto, porque me dá prazer e porque necessito disso para viver, no sentido mais profundo.”

Desaprendemos o ato simples de ouvir o outro. Nossos olhos não parecem capazes de ler as diferenças, assim como nossos ouvidos não querem mais escutar qualquer coisa que não seja nosso próprio gosto musical. O itinerário de Catarina nos ajuda abandonar estereótipos, preconceitos e discriminações que não fazem o menor sentido no século XXI.

[VOLTAR](#)

Catarina Domenici



### João Marcos Coelho

é jornalista e crítico musical, colaborador do jornal O Estado de S. Paulo e apresentador do programa "O que há de novo", da Rádio Cultura FM; é coordenador da área de música contemporânea da CPFL Cultura.

# A TEMPESTADE DE SIBELIUS

PUBLICIDADE

## CONCERTO

[QUEM SOMOS](#) [FALE CONOSCO](#)

Assine nossa newsletter e fique por dentro do mundo da música clássica, óperas e grandes espetáculos

[CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER NA NEWSLETTER](#)

### ENDEREÇO

Rua República do Iraque, 782 (Brooklin Paulista)  
CEP 04611-001 – São Paulo, SP  
Tel. +5511 3539-0048



© 1996 – 2022 Clássicos Editorial. Todos os direitos reservados.